

[*Moedas de D. Sebastião*].

Ha tres para 4 annos que em Bucellas distante daqui hũa legoa descobrindo hũas mulheres outro Thesouro de moedas de prata cunhadas, e com as armas dos reys de Portugal athé D. Sebastião; porem, sabendo, isto o Marques de Pombal debaixo de varias penas mandou por hũ ministro lhe fosse todo entregue, sem dar sequer hũa pequena esmolla ás pobres mulheres que o acharão, não sabemos, o que foi feito destas moedas se ainda se conservão ou forão para a Caza da moeda para se fazerem outras novas. Esta noticia me comunicou Fr. Gonçalo da Conceição já referido que teve duas destas moedas que entregou a quem lhas tinha paçado segundo o seu preço para se cumprir a ordem do Marques de Pombal».

PEDRO A. DE AZEVEDO.

### Relatorio á cêrca do Museu Municipal da Figueira da Foz

*Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr.*—Mais de dois annos são decorridos desde que tive a honra de apresentar a V. Ex.<sup>a</sup> e á Commissão administrativa, de que é mui digno presidente, o meu último relatorio sobre os trabalhos d'este Museu.

Não foi por negligencia nem por menos consideração para com esse respeitavel corpo gerente que deixei por tanto tempo de comunicar-lhe officialmente o estado dos negocios a meu cargo. Esses dois annos foram fartos de trabalho para mim, quer no campo, dirigindo muitas explorações, quer no gabinete, escrevendo sobre ellas. Na quarta e ultima parte da minha obra *Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira*, que brevemente entrará no prelo, e noutro livro, *Memorias sobre a antiguidade*, que acaba de ser impresso nesta cidade, dou conta de uma grande parte d'esses estudos; e por isso me abstenho de os especificar aqui.

Se estes dois volumes não fossem bastante para demonstrar a V. Ex.<sup>a</sup> quanto foram embaraçosas as minhas occupações, teria ainda os longos e fatigantes trabalhos que emprehendi no *Crasto* e nos *Chões*, freguesia de Brenha, para resolver os difficeis problemas que me haviam surgido nos depositos de Santa Olaya. Na verdade ha tres annos

que faço minuciosos estudos sobre estas estações humanas. Durante este periodo não só dirigi pessoalmente as excavações, registando nos proprios lugares todas as observações, mas tive de dirigir a lavagem de mais de uma tonelada de fragmentos de ceramica, fazendo a escolha dos mais interessantes, e em seguida ensaiar as restaurações dos vasos e de objectos de pedra e de bronze que appareceram partidos, agrupar, classificar, numerar, registar tudo isto nas estantes do Museu.

Os despojos d'estas tres estações occupam tres estantes, duas com os n.ºs 10 e 11 na secção de prehistoria, e uma designada pela letra O<sup>2</sup> na secção de archeologia historica. V. Ex.<sup>a</sup> verá a somma de fadigas que representam, e que eu remi o meu silencio official offerecendo tambem á Commissão e ao público a descoberta, bem verificada, de tres estações dos velhos Lusitanos, que receberam o baptismo da civilização romana talvez no segundo seculo antes de Christo.

Estas collecções do *Crasto* e dos *Chões* e as da idade da pedra e da epoca do cobre que deram entrada na secção da prehistoria, fizeram subir o numero de objectos ali expostos a mais de 2:700. Entre elles figuram uma grande clava de pedra, que me parece não ter simililar em outros museus, e um machado e uma placa de schisto com gravuras circulares, que julgo serem peças bastante raras. São tambem dignos de menção os objectos que encontrei na estação da idade da pedra, descoberta no sitio do Forno da Cal, proximo da Vinha da Rainha, concelho de Soure.

Na sala de comparação o numero dos objectos entrados elevou-se a 1:084, isto é, mais do dobro dos que existiam em fevereiro de 1895. São principalmente collecções africanas e americanas, devidas ao zêlo e generosidade dos srs. José Marques Pinto, Antonio de Oliveira e Silva Junior, João Francisco Branco, Bernardo Augusto Lopes, João Maria Simões e outros. Nestas collecções existem muitos objectos interessantes para o estudo do homem prehistorico: taes são alguns machados, vasos de barro e de outras substancias, amuletos, adornos, esculpturas e gravuras em madeira e osso, tecidos e armas.

Nesta sala comecei a organizar uma collecção de crânios humanos. Se até ao presente não se tem feito no Museu estudos anthropologicos de alguma importancia, penso que alguns deverão fazer-se num futuro proximo; e por isso é forçoso ir preparando os exemplares necessarios. Dirão talvez que semelhantes estudos não são da indole do Museu; mas V. Ex.<sup>a</sup> não ignora que a descripção do typo humano faz parte da ethnographia, e que sem o auxilio da anthropologia não podemos adquirir uma verdadeira noção d'elle.

A secção de archeologia historica tambem teve os seus progressos. Antes de tudo convem assignalar a organização do catalogo das moedas e medalhas, em dois volumes, pelo illustrado membro da Commissão Sr. Dr. Antonio Alvares Duarte Silva. É um trabalho de vulto e feito com extraordinario esmero, que muito honra o auctor e a commissão.

Por elle se vê que o número das moedas e medalhas já expostas é de 1:833, sendo 1:479 da collecção offerecida pelo fallecido abbade de Guinchães, o benemerito Fortunato Casimiro da Silveira e Gama.

Os outros objectos expostos nesta secção sobem já a 1:700 aproximadamente, tendo por conseguinte entrado mais de 400 no periodo a que me refiro. A maior parte d'estes ultimos é de fabrico romano.

Devo notar a V. Ex.<sup>a</sup> que, com estas entradas, todas as estações romanas, até o presente descobertas no valle do Mondego e immedições, desde a foz até S. João do Campo, ficaram assignaladas, por algum artefacto, nas nossas collecções. Alli se encontram tambem assignaladas as que visitei no Algarve, entre Marim (conc. de Olhão) e Budens, ao oeste de Lagos, assim como os que mais recentemente descobri no concelho de Nellas.

Julguei conveniente collocar separadamente nesta secção, em uma estante, os melhores exemplares de ceramica romana encontrados nos castros do nosso concelho, em vez de expô-los na secção da prehistoria, associados aos outros objectos do espolio das mesmas estações, que ali foram collocados por manifestarem processos de trabalho indubitavelmente preromanos, e que por isso interessam ao estudo da protohistoria da Peninsula. O motivo d'aquella separação foi facilitar aos estudiosos, em rapido exame, não só o conhecimento d'aquella ceramica, que apresenta alguns caracteres especiaes, mas a sua confrontação com a das estações genuinamente romanas ou já inteiramente romanizadas, e que julgo pertencerem a epochas posteriores á dos mesmos castros.

Dos outros objectos entrados, o que geralmente pertencem aos tempos modernos, os mais interessantes são os fragmentos de um retabulo de pedra, que parece do seculo XVI, provenientes da igreja matriz de Buarcos, colligidos pelo nosso zeloso collega no Museu, Sr. Augusto Geltz de Carvalho, assim como alguns restos de ceramica por elle recolhidos em excavações que fez na misericordia d'aquella villa, e um grande pote de barro de 1667, proveniente do Alentejo, offerecido pelo Sr. Alfredo Cardoso e Silva. Esta última peça tem para nós bastante valor, por estar inteira e ser o nosso Museu muito pobre de ceramica portuguesa.

No meio d'estes progressos causa pena ver que a secção das indústrias do concelho se mantenha quasi na mesma penuria dos annos anteriores. Se não fossem as amostras dos artefactos das officinas do Mondego, pertencentes ao sr. Brasseur, da ceramica fabricada pelo sr. Amancio Annibal da Costa Pessoa, das camas e colchões metallicos da fabrica «A Figueirense», pertencente ao sr. D. Manuel de las Heras, e dos moveis da officina do sr. João da Fonseca Plangana, nada importante haveria a registar nesta secção do Museu, durante dois annos, a não serem as notas desanimadoras de que alguns objectos expostos foram retirados pelos seus donos e não substituidos, e de que não conseguimos fazer representar ali, como era nosso intuito, todas as aptidões industriaes da localidade.

Para o custeio das despesas proprias do Museu tem sido sufficientes as pequenas verbas orçamentaes votadas pela camara municipal. No corrente anno essas despesas não excedem 60\$000 réis, somma insignificante, attendendo ao valor que representa aquelle estabelecimento. Como se vê pelas contas apresentadas á camara e recibos archivados no gabinete da direcção, essas despesas pagas pelo cofre municipal, são apenas as de mobilia, adquisição de alguns objectos por compra, transporte de objectos doados, direitos das alfandegas pagos pelas collecções vindas de fóra, limpeza da casa e outras semelhantes. Parece-me que não ha no país museu algum, com desenvolvimento comparavel ao da Figueira, que custe tão poucos sacrificios ao público.

Da importancia que perante o país tem adquirido esta instituição nada direi. Apenas chamo a attenção de V. Ex.<sup>a</sup> e da Commissão para os livros do registo dos visitantes, começado em 16 de Maio de 1894, onde o numero dos inscriptos sobe a 7:000, tendo havido mais de 200 que nestes dois ultimos annos não inscreveram os seus nomes.

Terminando, cumpro o agradavel dever de mencionar aqui os nomes de duas pessoas, que, no periodo a que me refiro, tambem prestaram ao Museu importantes serviços. Foram o sr. Francisco Ferreira Loureiro, nosso collega na gerencia, que sempre me auxiliou nos trabalhos a meu cargo, e o sr. Sotero Simões de Oliveira, a quem devemos todas as analyses chemicas que se fizeram.

Deus guarde a V. Ex.<sup>a</sup>—Figueira, 23 de julho de 1897.—III.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Presidente da Commissão administrativa do Museu Municipal da Figueira.—O conservador do Museu, *Antonio dos Santos Rocha*.

(Da *Gazeta da Figueira*, de 6 de Novembro de 1897).